

RESENHA

Franklin Ferreira

OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001. 668p. Tradução de Gordon Chown do original inglês *The Story of Christian Theology* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1999).

Neste volume, Roger Olson oferece uma introdução à teologia histórica que leva a sério as necessidades do leitor de ter um texto acessível e interessante, sem sacrificar a profundidade de seu assunto. Olson ensinou na Faculdade e Seminário Bethel, em St. Paul, Minnesota, por mais de 15 anos, inclusive ministrando um curso sobre o tema deste livro. É autor de vários trabalhos populares e acadêmicos, servindo desde 1998 como editor da *Christian Scholar's Review*. Recentemente, Olson assumiu a posição de professor de teologia no Seminário Teológico Truett, da Universidade Baylor. No que diz respeito à sua filiação denominacional, Olson é membro da Conferência Geral Batista, uma convenção batista de origem sueca nos Estados Unidos. Também é co-autor, com Stanley Grenz, de *20th Century Theology: God and the world in a transitional age* (publicado pela InterVarsity), que já está em fase de revisão e será publicado em português pela Cultura Cristã.

A obra *História da teologia cristã* é marcada por duas características significantes que a distinguem da maioria dos outros trabalhos de seu tipo. Primeiramente, a audiência que o autor se propõe a alcançar. No início, Olson oferece sua razão para escrever este livro, observando que, enquanto muitos trabalhos em teologia histórica estão disponíveis, poucos têm sido escritos para alcançar aqueles com pouca ou nenhuma formação teológica ou histórica. Ele buscou preencher essa lacuna escrevendo principalmente para “leigos e estudiosos cristãos sem qualquer noção teológica, bem como para pastores interessados numa ‘recapitulação’ da teologia his-

tórica” (p. 14). O autor não faz nenhuma reivindicação de originalidade. Ao contrário, busca fazer uma contribuição a esse campo específico oferecendo um “panorama modesto dos pontos de especial interesse na teologia histórica cristã, para leitores que talvez não tenham o menor conhecimento ou noção dessa história fascinante” (p. 15). Para esse fim, Olson preparou um texto de fácil assimilação, com quase nenhuma menção de termos técnicos e com explicações claras da terminologia citada, em que seu uso é requerido. Além disso, Olson claramente prepara o contexto no qual foram desenvolvidas as idéias que ele discute e demonstra a sua importância para a vida e fé cristãs.

Uma segunda característica importante desse trabalho é o emprego da narrativa. Olson diz que, enquanto a “história” é percebida freqüentemente como pouco mais que uma recitação enfadonha de datas e fatos, a narração de uma história extrai uma resposta mais positiva e evoca a atenção de leitores modernos. Ainda, como Olson aponta, a história consiste, em grande parte, na recontagem de histórias sobre as pessoas, eventos e idéias que moldaram o passado e que continuam, para melhor ou para pior, a influenciar o presente. Como a história da teologia não é uma exceção a essa regra, Olson conclui que ela “pode, e deve, ser contada como uma história” e esse livro “é fruto do esforço de contar bem essa história e de tratar com imparcialidade cada uma das suas tramas secundárias” (p. 13).

Para organizar as muitas histórias numa história de teologia, e para lhes dar coerência “em uma única e grande narrativa do desenvolvimento do pensamento cristão”, Olson busca enfocar o “interesse que todos os teólogos cristãos (profissionais e leigos) têm pela salvação: o gesto redentor de Deus de transformar e perdoar pecadores” (p. 13). Ainda que sabendo que outros assuntos e doutrinas assumem o centro em pontos particulares da história da teologia, ele sugere que a preocupação primordial da igreja foi entender e explicar corretamente a redenção, de tal forma que esta nunca esteja distante de outras discussões e parece estar por trás da maioria das outras questões. Olson, então, estruturou sua narrativa ao redor da indagação teológica da igreja no sentido de compreender a atividade redentiva de Deus.

Trabalhando com essas características em mente, Olson consegue fazer um grande esboço da história da teologia. Seu tratamento dos principais desdobramentos geralmente é completo, equilibrado e proporcional. Ele é judicioso em sua avaliação dos numerosos personagens, bem como no desenvolvimento dos enredos, mostrando uma consciência das diversas posições contraditórias dos vários historiadores eclesiais, sem permitir que tal disputa imponha-se em sua narrativa. Ele resiste à tentação de desviar-se e de preocupar-se com as várias narrativas paralelas que poderiam

conduzi-lo para longe da história principal que ele quer contar. A proporcionalidade do livro é apropriada, com aproximadamente metade de suas páginas dedicadas aos primeiros mil anos da história da igreja, sobrando um terço para os desenvolvimentos da reforma até o presente.

O tratamento de Olson dos primeiros mil anos da história da Igreja, até o Grande Cisma, é particularmente valioso. Ele cobre de forma significativa as principais figuras, controvérsias e concílios desse período e ilumina de forma muito útil os diferentes temperamentos culturais de pensadores orientais e ocidentais, conectando-os com as tensões teológicas contínuas entre Oriente e Ocidente que eventualmente culminaram no Grande Cisma.

A abordagem de Olson sobre o período medieval é a seção mais desapontadora do livro, devido a uma cobertura truncada desse período de renovação teológica. Essa seção inclui só três capítulos (quando todas as outras partes têm quatro cada) e dedica quase toda a sua atenção ao escolasticismo, ignorando totalmente a tradição mística. Com a exceção de William de Ockham, vários representantes do desenvolvimento do escolasticismo também são omitidos. O humanismo renascentista, movimento intelectual mais importante antes e durante a Reforma, também recebe pouca atenção, e, num capítulo longo, apenas sete páginas são dedicadas a esse movimento, todas centradas em Erasmo de Roterdã.

Em sua discussão sobre a Reforma, Olson considera as figuras-chave das principais tradições cristãs: luteranos (Lutero), reformados (Zuínglio e Calvino), anabatistas (Hubmaier e Menno Simons) e anglicanos (Cranmer e Hooker), bem como o catolicismo tridentino. No geral, Olson faz um excelente trabalho ao resumir os ensinamentos e preocupações centrais desses personagens, nos seus contextos particulares, iluminando alguns dos elementos distintivos dessas tradições. A exceção é seu tratamento de João Calvino. Da perspectiva de Olson, Calvino parece ser um pensador muito pouco original, que “baseou-se em Lutero, Zuínglio e no reformador de Estrasburgo, Martin Bucer, e aproveitou muito do pensamento deles” (p. 420). Dessa forma, Calvino fez pouco mais do que “transmitir a teologia reformada de Zuínglio ao resto do mundo” (p. 422). Tais declarações são associadas à repetição inexata de que Calvino “reinou praticamente como um ditador da cidade” de Genebra (p. 419).

Olson faz um excelente trabalho ao resumir a teologia de Jacob Arminius, começando com o contexto reformado na qual emergiu. Ele também discute o pietismo, o puritanismo, o metodismo e o deísmo. A melhor parte do livro está em sua divisão final, na maneira como ele ordena a diversidade que caracteriza a teologia protestante contemporânea. Aqui Olson descreve as três opções que dominaram o contexto teológico mo-

derno (liberalismo, ortodoxia/fundamentalismo e neo-ortodoxia), aponta as pesquisas e desenvolvimentos recentes em vários movimentos teológicos e avalia as futuras possibilidades para a teologia.

Em qualquer ato de narrar ou de escrever uma história, a perspectiva do autor dá um formato especial à narrativa, e nesse texto ficam evidentes as convicções e interesses evangélicos de Olson. Por um lado, ele não oferece nenhuma avaliação dos desenvolvimentos da teologia ortodoxa depois do Grande Cisma e só dá alguns poucos detalhes da história da teologia católica depois da Reforma. Não obstante, Olson prestou um valioso serviço à comunidade evangélica oferecendo uma abordagem atraente da história da teologia. Em consequência disso, temos o que talvez seja o melhor trabalho introdutório em teologia histórica atualmente disponível em português. É provável que se torne um texto-padrão para seminários evangélicos, tornando-se muito útil tanto na sala de aula como na igreja.